AGRONEGÓCIO

Safra do pêssego em Pelotas apresenta quebra superior a 75% em 2026

Samantha Beduhn
Especial para o Jornal Cidades

SAMANTHA BEDUHN/DIVULGAÇÃO/CIDADES



Retração de cerca de 35 milhões de quilos tem impacto de R$ 100 milhões para o campo e até R$ 280 milhões na indústria

Conhecida como a "Capital do Pêssego", Pelotas é o maior produtor da fruta no Brasil. Após a safra volumosa de 2025, com cerca de 45 mil toneladas colhidas, a cadeia produtiva enfrenta uma projeção de quebra de 75% a 80% para 2026, conforme dados da Emater/RS-Ascar. Caso o número se concretize, esta será a pior safra dos últimos 50 anos. O principal fator para essa redução drástica está relacionado às adversidades climáticas causadas pelo fenômeno El Niño na região.

O pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Newton Alex Mayer, explica que a diferença no resultado da safra do ano passado com a deste ano acontece por conta dos eventos climáticos. Em 2025, o clima foi favorável para o desenvolvimento do pessegueiro. Isso porque o frio foi relativamente constante durante o inverno, não houve picos de calor e também não choveu tanto durante os períodos de floração e crescimento dos frutos. "Então, houve condições de que realmente o pessegueiro florescesse bem. Essas condições todas foram favoráveis, o que não está acontecendo este ano", explica Mayer sobre a safra atual ser comprometida pelos efeitos do El Niño de 2026.

A região de Pelotas foi atingida pelo excesso de chuvas durante o inverno, situação que traz prejuízos para a planta. Mayer ressalta que o pessegueiro não é adaptado a solos muito úmidos, necessitando de água de forma controlada. "Você começa a ter vários dias com frio, com chuva e o solo úmido. Então, as raízes não têm oxigênio. Com isso, você começa a comprometer o crescimento da brotação, os frutos e os próprios tratamentos fitossanitários", acrescenta o pesquisador sobre a chuva que prejudicou os manejos do pomar. O excesso de umidade no solo e no ar pode gerar a "podridão-parda", causada por um fungo, além de outras doenças. Somado a isso, o inverno não registrou o volume de horas de frio necessárias para o pleno desenvolvimento da cultura.

Após todas as dificuldades impostas pelo clima, os produtores também enfrentaram granizo e fortes vendavais. "Muita fruta que ainda estava na planta em boas condições, que escapou do granizo, foi para o chão depois com a força dos ventos. Então, comprometeu muito e está comprometendo muito a safra deste ano", afirma Mayer.

De acordo com o presidente da Associação dos Produtores de Pêssego da Região de Pelotas, Adriano Bosembecker, esses eventos climáticos atingiram os trabalhadores da cadeia produtiva como um todo. "Nas regiões que sofreram com o granizo, nós temos relatos de propriedades que tiveram 100% de perda e não vão colher nada", ressalta Bosembecker, evidenciando os estragos causados.

Por ser uma cultura perene, que exige cuidados durante o ano todo, o produtor que teve uma colheita ruim precisa continuar investindo para a safra seguinte. A estimativa é de que cerca de 70% do valor obtido com as vendas (obtido) volte para o campo. "Se tu considerar uma produção média de 60 toneladas, o equivalente a cerca de 40 toneladas é reinvestido no pomar", explica Bosembecker.

A Associação tem buscado o apoio de órgãos públicos, como a Prefeitura, o Ministério Público e o Governo do Estado, desde os primeiros impactos climáticos. "A gente vai tentar a prorrogação das parcelas de financiamentos de maquinários e equipamentos, além da liberação de algum recurso para que as famílias possam se manter, já que toda a renda costuma vir do pêssego", ressalta. Bosembecker salienta que um auxílio emergencial entre R$ 40 mil e R$ 50 mil por família ajudaria os produtores a atravessar os próximos 14 meses até a chegada da nova colheita.

Economia do município pode perder R$ 300 milhões

A quebra da safra tende a impactar diretamente a economia local. Segundo Bosembecker, o setor projeta que a perda de produção pode retirar cerca de R$ 300 milhões do giro econômico do município. O prejuízo começa na colheita: com uma retração calculada em cerca de 35 milhões de quilos da fruta, cotada a R$ 3,00 o quilo pago ao produtor, o campo deixa de faturar mais de R$ 100 milhões.

O impacto se estende para as indústrias, onde cada quilo do fruto equivale a uma lata de compota. Ao preço médio de venda das fábricas, situado entre R$ 7,00 e R$ 8,00 por unidade, a não comercialização desses 35 milhões de latas representa um encolhimento de até R$ 280 milhões no faturamento do setor alimentício.

"A gente imagina e espera que dentro da indústria a perda não seja tão grande quanto a dos produtores, mas a lata do pêssego em calda vai sofrer um reajuste de preço este ano por conta de todas essas quebras e porque o processo exigirá mais trabalho manual". O presidente do Sindocopel, Paulo Crochemore, explica que, por ter menos frutas disponíveis, os funcionários precisam cortar manualmente os pêssegos com machucados e conferir minuciosamente a sua qualidade. Apesar desse incremento no trabalho manual este ano, com os números da expectativa da safra já é possível prever que o contingente total de mão de obra vai ser reduzido. Aqueles funcionários que operaram em dois turnos no ano passado, agora terão apenas um. "Infelizmente não era o que a gente queria, não era o cenário que a gente esperava, mas vamos ter que trabalhar dentro da realidade que se apresenta no momento", conclui Crochemore.

SAMANTHA BEDUHN/DIVULGAÇÃO/CIDADES



Eventos climáticos adversos atingiram os trabalhadores da cadeia produtiva como um todo; dados da Emater alertam que atual safra pode ser a pior dos últimos 50 anos